

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Forças Armadas são colocadas de prontidão	2
Título: Epidemia já reduz projeção de demanda por eletricidade	5
Título: Distribuidoras reforçam atendimento ao consumidor	6
Título: Eletrobras prepara apresentação do plano de negócios 2020-2024.....	7
Título: Petrolíferas dos EUA tentam reestruturar dívidas.....	8
Título: Curtas	11
Título: Consumo de aço deve sofrer com a parada de clientes	12
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	13
Título: Aécio recebeu R\$ 65 milhões em propina de construtoras, diz PF	13
Título: Trump compra petróleo e preço sobe	14
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	15
Título: Dois vírus contaminam as Forças Armadas	15

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 20/03/2020****Seção: Política****Autor: Maria Cristina Fernandes e André Guilherme Vieira — De São Paulo****Título: Forças Armadas são colocadas de prontidão**

Diretriz do Ministério da Defesa determina que as Forças Armadas mantenham-se mobilizadas para eventual solicitação de emprego em apoio aos órgãos de saúde e de segurança pública. Entre as possibilidades cogitadas para o recurso às Forças Armadas estão o apoio no patrulhamento de fronteiras, cujo fechamento, em quase toda a América do Sul, foi ampliado na quarta-feira, a descontaminação de material, campanhas de conscientização, logística e transporte de infectados.

Não está listado como prioridade, mas uma das razões determinantes para o estado de prontidão determinado pelo ministro Fernando Azevedo e Silva é o temor de que o agravamento na tensão do sistema prisional requeira um reforço das Forças Armadas. O Exército já está no perímetro externo da Penitenciária Federal da Papuda, no Distrito Federal, por meio de uma Operação da Garantia da Lei e da Ordem (GLO), desde antes da eclosão do coronavírus.

No domingo à noite, rebeliões em cinco presídios levaram à fuga de 1.389 presos, parte dos quais já foram recapturados. As fugas teriam sido motivadas pela suspensão das saídas temporárias, da saída programada para a Páscoa e das visitas. As duas medidas fazem parte do rol de recomendações do Ministério da Justiça às secretarias estaduais de administração penitenciária em função do coronavírus.

A tensão com as medidas somou-se à reação dos presos a restrições às quais líderes do Primeiro Comando da Capital (PCC) estariam sendo submetidos. Um general que já atuou em operações de segurança nacional prevê que o tráfico se valerá dos serviços de entrega via motoboy para continuar a abastecer consumidores cuja demanda deve crescer no confinamento doméstico.

O fechamento de fronteiras com os vizinhos sul-americanos é uma tentativa de conter o fornecimento dos traficantes, ainda que não se tenha ideia do grau de eficácia em rotas operadas há décadas por meio de propinas a agentes de vigilância e acordos com proprietários de terras de fronteira.

As medidas de prevenção a serem tomadas pelo coronavírus no Exército não passam pela suspensão do serviço militar, iniciado em 2 de março, ou das aulas nas academias militares, em regime de internato. Estão sendo reavaliadas as

quantidades de alunos por sala de aula e as condições em que atividades em grupo serão realizadas. Eventos comemorativos, como o 31 de março, aniversário do golpe militar de 1964, podem vir a ser cancelados.

O Exército ainda não tem casos confirmados de coronavírus, ainda que haja suspeitos de contaminação, entre os quais médicos dos hospitais militares. Foi o Hospital das Forças Armadas, em Brasília, que confirmou o coronavírus dos dois oficiais da reserva que são ministros do governo, general Augusto Heleno (GSI), e o **almirante Bento Albuquerque (MME)**. É no HFA onde também têm sido feitos os exames do presidente Jair Bolsonaro.

Antes mesmo de as diretrizes do Ministério da Defesa serem conhecidas, governadores já vinham buscando estreitar contatos com os comandos locais do Exército. Na quarta-feira, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), recebeu o comandante militar do Sul, Antonio Miotto, no Palácio Piratini, para discutir a integração do Exército nas medidas emergenciais do Estado. Miotto transferirá o comando no fim de abril, quando passará à reserva, em cerimônia fechada e sem plateia. A maior parte dos presídios do país está sob o comando dos governadores.

Ao anunciar as medidas restritivas nas penitenciárias, o ministro da Justiça, Sergio Moro, disse esperar contar com a “compreensão” dos presidiários. “Difícilmente terá. Proibir visita é jogar lenha na fogueira”, diz Luiz Eduardo Soares, ex-secretário de Segurança Nacional. Soares diz que as medidas visam à proteção dos próprios presos, mas intervêm numa rotina sagrada, controlada pelas facções que dominam o sistema penitenciário: “Geram uma situação explosiva porque expõe as condições de superlotação e de higiene em que vivem”.

O ex-secretário cita dados da Rede de Observatórios de Segurança sobre as 722 mil pessoas presas num sistema penitenciário de 436 mil vagas. A situação mais dramática de superlotação está nos Estados do Ceará e de Pernambuco, onde a proporção de presos acima das vagas disponíveis supera os 170%. Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo são outros três Estados em que a superlotação impede o mínimo de cumprimento às determinações do Ministério da Saúde para que sejam evitadas aglomerações. Em Estados como Pernambuco, apenas 30% dos presídios têm consultórios médicos. No Rio, calcula-se que um terço dos presos tenham tuberculose, condição que piora a chance de sobrevivência de contagiados pelo coronavírus.

A situação dos presídios levou o Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD) a pedir liberdade condicional para encarcerados maiores de 60 anos, regime domiciliar para portadores de doenças graves, regime domiciliar para grávidas, lactantes e presos por crimes cometidos sem violência, além de medidas

alternativas para presos em flagrante por estes delitos. O IDDD incluiu no pedido a progressão antecipada de pena para os presos submetidos ao regime semiaberto.

O pedido, que estava em linha com recomendação do Conselho Nacional de Justiça, obteve liminar do ministro Marco Aurélio Mello, derrubada na mesma quarta-feira em que foi concedida. O veto à liberação de presos se assemelha à conduta do sistema penitenciário americano. No Boletim do Laboratório de Estudos sobre Governança da Segurança, o Irã é identificado como o país de medidas mais radicais em relação ao seu sistema prisional. Cerca de 70 mil presos foram libertados temporariamente para combater a propagação do coronavírus nos presídios. A medida foi tomada depois do aparecimento de infectados. No sábado, foi reportado o primeiro caso de coronavírus em um presídio francês, que reservou celas individuais para o tratamento de presos doentes e ofertou higienizadores de mãos nos estabelecimentos.

A possibilidade de que 60% dos presos do país sejam postos em liberdade é amplamente rechaçada nos meios militares. Um general que já atuou em operações de segurança nacional diz que não é soltando preso que se vai resolver o problema. Outro general diz que a população, além de acuada pelo vírus, se transformaria em refém de criminosos.

A percepção é compartilhada pelas polícias. Em São Paulo, a convergência é facilitada pela presença de generais da reserva em postos-chave. O secretário é João Camilo Pires de Campos, general da reserva, e o comandante do Centro Integrado de Comando e Controle, que envolve as polícias civil e militar, está sob coordenação do general Carlos Sérgio Câmara Saú.

Assim como as Forças Armadas, polícias, como a de São Paulo, estabeleceram diretrizes que vão da ampliação dos casos em que os boletins de ocorrência possam ser registrados pela internet a um plano de contingência para o agravamento na segurança urbana.

Além da ameaça latente do tráfico e dos presídios, uma fonte do Exército cita relatórios da inteligência militar que, por modelos matemáticos, teria calculado elevação de roubos e saques no prazo de 30 a 40 dias, quando a curva de contaminação pelo vírus poderá ter alcançado seu ponto mais crítico e a paralisação da economia atingir seu pico.

Um cenário de caos na segurança pública, a mobilizar conjuntamente Forças Armadas e polícias, pode devolver ao presidente Jair Bolsonaro parte da autoridade perdida com atitudes que o desgastaram junto à opinião pública, como o comparecimento a manifestações do dia 15. Mesmo entre generais não alinhados com o presidente da República e que desaprovam sua condução na

crise do coronavírus, um agravamento político que ponha em risco seu mandato, é visto como um cenário indesejável e fonte de tensão adicional para o país e de desgaste para as Forças Armadas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 20/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Letícia Fucuchima — De São Paulo

Título: Epidemia já reduz projeção de demanda por eletricidade

O setor elétrico não deverá passar ileso da crise do coronavírus. Com a evolução da pandemia contaminando o ritmo de vários setores da economia, o mercado já começou a reduzir as projeções para a atividade econômica - que, por sua vez, está intimamente ligada ao comportamento da demanda de energia.

Um estudo da consultoria Thymos Energia, obtido pelo **Valor**, mostra que o consumo de energia pode sofrer uma redução de 1,6% a 14% em 2020, a depender da intensidade dos impactos do coronavírus sobre a economia. Antes de toda essa situação, a Thymos previa um aumento de 3% a 4% para a demanda no ano.

No cenário moderado traçado pela consultoria, o consumo deve cair 4% no ano. Essa estimativa leva em consideração, de um lado, um crescimento de 10% da demanda nas residências devido às orientações de quarentena e home office, e, de outro, uma queda de 30% no comércio e na indústria com a paralisação parcial desses setores.

Ainda nesse cenário, o consumo sofreria os períodos mais críticos em março, abril e maio, iniciaria um processo de recuperação a partir de junho e retomaria, em setembro, os níveis anteriores à crise do coronavírus.

O sócio da Thymos, Alexandre Viana, afirma que estimativas mais precisas para o caso brasileiro dependem ainda da evolução da pandemia e de novas medidas que serão tomadas para contê-la, as quais podem ter mais ou menos impacto sobre a atividade econômica. Ele destaca, porém, que os efeitos dessa crise não ficarão restritos à demanda de energia, já que o setor elétrico é todo interligado.

Um dos indicadores que podem ser afetados é o Preço da Liquidação das Diferenças (PLD), referência para o mercado de curto prazo de energia. “O

impacto vai depender do ritmo de consumo, meteorologia e nível de carga que será estimado pelo Operador Nacional do Sistema, mas o PLD tende a registrar valores abaixo de R\$ 100,00/MWh nos próximos dois meses e deve continuar em patamares baixos em um cenário de recuperação lenta", estima Viana. O PLD pode influenciar o fluxo de caixa das distribuidoras, já que a situação do coronavírus poderia levar a uma sobra de contratos para as concessionárias, que negociariam a energia excedente no mercado de curto prazo por um valor menor do que pagaram.

Os cenários da Thymos para o Brasil foram elaborados a partir de uma análise dos desdobramentos da crise sanitária em outros países. Segundo dados coletados, o impacto do coronavírus foi sentido de forma mais intensa na carga de lugares como França, Itália, Portugal, Espanha, e menos na Alemanha e no Reino Unido, onde o confinamento não foi decretado até o momento. Já a situação na China não foi analisada pela falta de dados oficiais de consumo em tempo real.

Por ora, as distribuidoras de energia estão concentradas em assegurar a normalidade das operações, mas algumas já começam a fazer exercícios para tentar prever o comportamento da carga nos próximos meses. É o caso da EDP Brasil, que tem 3,5 milhões de clientes no Espírito Santo e no interior de São Paulo. Segundo a companhia, o consumo residencial pode ter aumento de até 15%, mas a expectativa é de que isso seja compensado pela queda da demanda em outros setores, como comércio, poder público e escolas. Com isso, a tendência seria de redução no período. "Estamos monitorando, mas suprimento não é uma preocupação", diz Marcelo Torezani, gestor operacional de estudos de mercado da companhia.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 20/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Letícia Fucuchima — De São Paulo

Título: Distribuidoras reforçam atendimento ao consumidor

Distribuidoras de energia têm priorizado as ações para garantir normalidade do atendimento a consumidores

Diante do cenário ainda bastante incerto com relação à crise do coronavírus, as distribuidoras de energia têm adotado uma postura mais cautelosa na hora de prever tendências para a demanda de energia nos próximos meses. No

momento, elas estão concentradas em preparar planos para assegurar a normalidade de suas operações e do atendimento aos consumidores.

Marcos Madureira, presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), entende que não é hora de as empresas se debruçarem sobre análises da demanda, embora reconheça que “sem dúvida nenhuma” haverá impacto. Segundo o executivo, a atenção das empresas agora está nas ações necessárias para garantir a regularidade das operações. A principal orientação, diz ele, é reforçar o atendimento de demandas e problemas dos consumidores nos canais virtuais.

O passo já foi seguido pela EDP Brasil: a companhia determinou que todos os serviços poderão ser realizados pelo site “EDP Online”, mesmo aqueles que necessitavam de atendimento presencial por causa da entrega de documentos, como pedidos de ligação de energia ou alteração de titularidade da conta de luz.

Serviços de profissionais como eletricitistas e leituristas, que precisam ir às ruas, foram mantidos por serem considerados essenciais. A CPFL Energia, por exemplo, afirma que todas as atividades têm sido realizadas “de forma integral” e lembra que esses profissionais não entram em contato direto com os consumidores. Na EDP, os horários de entrada dessas equipes foram escalonados para evitar aglomerações nas bases, onde a retirada de equipamentos é feita sem contato pessoal.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 20/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Eletrobras prepara apresentação do plano de negócios 2020-2024

Documento pode ser apresentado junto com a divulgação do resultado do quarto trimestre de 2019

O aguardado plano de negócios da Eletrobras para o período 2020-2024 pode ser lançado na próxima semana, junto com a divulgação do resultado do quarto trimestre de 2019 e do resultado do ano passado da companhia, segundo uma fonte próxima do assunto. As demonstrações financeiras de 2019 da estatal elétrica estão previstas para serem divulgadas na próxima quarta-feira.

O plano, porém, ainda não foi aprovado pelo conselho de administração da elétrica. E, diante das incertezas provocadas pela pandemia do novo coronavírus na economia mundial e brasileira, fica mais difícil tomar decisões estratégicas sobre o assunto.

Previsto para ser anunciado no fim do ano passado, o plano de negócios plurianual da estatal elétrica teve sua definição postergada devido às incertezas sobre a aprovação ainda neste ano do projeto de lei (PL) relativo à capitalização e privatização da companhia. O principal ponto em aberto é a previsão de investimentos para 2020 e os anos seguintes, que poderá mudar sensivelmente, dependendo do avanço do processo de desestatização ainda este ano.

No ano passado, a Eletrobras investiu cerca de R\$ 3,5 bilhões. No fim do ano passado, o presidente da empresa, Wilson Ferreira Junior, sinalizou que o investimento para 2020 poderia ser de R\$ 3 bilhões a R\$ 4 bilhões.

No plano de negócios anterior (2019-2023), a previsão de investimento para 2020 era de R\$ 5,747 bilhões. Para todo o período, o investimento previsto era de R\$ 30,175 bilhões.

A privatização da Eletrobras é uma das prioridades do governo Bolsonaro na área econômica em 2020, mas depende de aprovação de projeto de lei específico no Congresso. O governo incluiu o projeto entre as medidas que precisam ser aprovadas pelo Congresso para minimizar os impactos da pandemia na economia brasileira. A medida, no entanto, não foi bem recebida por deputados e senadores. Nesta semana, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), sinalizou que não pautará o assunto na agenda emergencial do coronavírus na Câmara.

Sobre a pandemia, a estatal adotou uma série de medidas, desde o trabalho em casa (home office) para funcionários, nas atividades em que isso é possível, higienização de instalações e antecipação de férias. Também foram suspensas viagens nacionais e internacionais.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 20/03/2020

Seção: Empresas

Autor: James Fontanella-Khan, Gregory Meyer e Derek Brower — Financial Times, Nova York e Londres

Título: Petrolíferas dos EUA tentam reestruturar dívidas

Produtores americanos independentes de fontes de energia vêm reestruturando bilhões de dólares em dívidas ou discutindo novas formas de manter-se à tona, diante da queda livre do preço do petróleo e da decolagem do rendimento dos bônus, que ameaçam quebrar empresas do atribulado setor de petróleo e gás de xisto.

A Whiting Petroleum, uma empresa de perfuração que trabalha na Dakota do Norte e no Colorado, e a Antero Resources, uma produtora especializada no setor de gás, da região dos Apalaches, estão entre as empresas que começaram estudar opções de reestruturação de dívidas e a sondar possíveis assessores, segundo executivos de bancos de investimento e especialistas em reestruturação.

Por sua vez, a California Resources, maior produtora de petróleo e gás no Estado homônimo, e a Gulfport Energy, que tem foco em Ohio e Oklahoma, já contrataram a firma de serviços financeiros Perella Weinberg, para ajudar a reestruturar dívidas, segundo duas fontes.

A Chesapeake Energy, uma das pioneiras no setor de gás de xisto, contratou a banca de advocacia Kirkland & Ellis e a firma de assessoria financeira Rothschild & Co. para ajudá-la a administrar suas dívidas, de US\$ 9 bilhões. Os problemas da empresa nos mercados de dívidas são evidentes. Seu bônus de US\$ 2,25 bilhões vencendo em 2025 sofreu uma drástica queda, de 80% do valor de face, em 20 de fevereiro, para apenas 18%, na quarta-feira, uma vez que os investidores passaram a levar em conta no preço o risco de inadimplência.

Na semana passada, a Occidental Petroleum, maior produtora de petróleo nos EUA, reduziu seus dividendos em 90% e derrubou os investimentos em bens de capital. A executiva-chefe da empresa, Vicki Hollub, disse que essas medidas iriam ajudar a gerar caixa neste novo mundo do barril de petróleo a pouco mais US\$ 30. Desde então, a cotação passou para uma faixa pouco acima dos US\$ 20.

“No momento, a maioria das empresas segue viva mantida por aparelhos, com exceção da Exxon [Mobil] e da Chevron”, disse um executivo de banco de investimento especializado no setor de petróleo e gás, que está ajudando várias empresas a administrar a crise.

A indústria americana de petróleo e gás de xisto já encontrava dificuldades para gerar caixa e manter o apoio dos investidores em 2019, quando o preço médio do petróleo do tipo West Texas Intermediate (WTI), o referencial nos EUA, foi de US\$ 57. Em 2019, petrolíferas com US\$ 26 bilhões em dívidas entraram com pedido de recuperação judicial nos EUA, segundo a banca de advocacia Haynes & Boone. Em 2018, haviam sido 28 empresas, com dívidas de US\$ 13 bilhões.

A queda de 67% nos preços do petróleo desde janeiro devastou ainda mais as perspectivas para os produtores, que agora redimensionam planos de perfuração e tentam lidar com o colapso sem precedentes na demanda

petrolífera provocada pela pandemia do coronavírus e pela guerra de preços entre Arábia Saudita e Rússia.

Na terça-feira, a Whiting reduziu seu orçamento de investimentos em 30% para preservar a liquidez, enquanto estuda como lidar com suas dívidas de US\$ 2,9 bilhões. Tem um bônus de US\$ 770 milhões vencendo em 2021, atualmente negociado a 24% do valor de face. Em meados de janeiro, valia quase 100% do valor nominal.

Os bônus da Antero Resources vencendo em 2021 e 2022 se comportaram um pouco melhor, mas o de US\$ 750 milhões com vencimento em 2023 caiu de mais de 70% para 32% do valor de face. A empresa, que tem dívidas de US\$ 6,6 bilhões, registrou prejuízo líquido em 2018 e em 2019.

Na terça-feira, a California Resources desistiu de complexa operação de troca com os detentores de bônus, que teria economizado US\$ 895 milhões em pagamentos de dívidas e juros. Atribuiu a decisão a “recentes desenvolvimentos nos mercados financeiros e de commodities”. Um de seus bônus vencendo em 2020 era negociado na quarta a 4% do valor nominal.

Whiting, Antero, California e Gulfport Energy não deram resposta aos pedidos para comentar o assunto. Chesapeake e Occidental não quiseram se pronunciar.

O custo para equilibrar as despesas de produção nos EUA gira em torno a US\$ 50 por barril, segundo a firma de consultoria Energy Aspects. Mesmo a grande maioria dos poços já perfurados que as empresas ainda não colocaram em operação exigiria preço de US\$ 25 por barril, segundo outra firma de consultoria, a Rystad Energy.

O WTI recuou US\$ 0,24 na quarta-feira, negociado a US\$ 20,37 por barril, menor patamar em 18 anos.

“Neste momento, estamos sentados no precipício de uma montanha de reestruturação de [dívidas de empresas de exploração e produção] E&P. As quebras são uma possibilidade cada vez maior sobre a mesa”, disse Ryan Bouley, sócio da área de reestruturação de dívidas na Opportune, uma firma de consultoria em Houston.

Assessores de reestruturação que trabalham no setor de xisto, entre as quais Evercore, Lazard, Houlihan Lokey e Moelis and Company, tiveram grande alta na carga de atividade, segundo várias fontes. Um executivo de banco de investimento disse que sua empresa estava “moída” de tanto trabalho.

Com dezenas de grupos reduzindo os investimentos em bens de capital, os volumes de produção deverão cair gradualmente, privando-os de oportunidades de receita se os preços se recuperassem.

As empresas que fizeram operações financeiras para proteger-se, fixando preços de venda, vão estar de certa forma a salvo até que esses contratos de hedge vençam. “Todos correm riscos neste cenário de preços, a menos que você tenha um programa de hedge invulnerável ou campos de alta qualidade”, disse Bouley.

As empresas de exploração e produção da América do Norte têm dívidas de US\$ 86 bilhões vencendo entre 2020 e 2024, sendo que, segundo a Moody's, mais da metade é classificada com notas de avaliação de crédito “junk”, que indicam investimento especulativo.

Entre as empresas com esses ratings, a California Resources, a Antero Resources e a Continental Resources, cujo presidente executivo do conselho de administração, Harold Hamm, pediu uma investigação federal por prática ilegal de dumping contra fornecedores estrangeiros de petróleo, têm os maiores vencimentos nesse período, de acordo com a Moody's.

Diante das ondas de vendas desses bônus “junk”, os rendimentos oferecidos por esses papéis aumentaram, de forma que substituí-los por novas dívidas vai ser mais custoso. **(Colaborou Joe Rennison, de Londres)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 20/03/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Brent sobe 14,4%

Os contratos futuros do petróleo fecharam a sessão de ontem em forte alta, praticamente devolvendo tombo de quarta-feira, depois de reportagem do “Wall Street Journal” informando que o governo dos EUA considera intervir na guerra de preços do petróleo entre a Arábia Saudita e a Rússia. O contrato do Brent para maio fechou em US\$ 28,47 por barril, alta de 14,42%, na ICE, em Londres, enquanto o do WTI para abril subiu 23,80%, a US\$ 25,22 por barril na Bolsa de Mercadorias de Nova York. Na quarta-feira, o WTI recuou 24% e o Brent cedeu 13%. Segundo o jornal, a Casa Branca discute levar adiante esforço diplomático para convencer os sauditas a cortarem a produção ao mesmo tempo em que ameaça sanções à Rússia para estabilizar os preços.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 20/03/2020****Seção: Empresas****Autor: Ana Paula Machado — De São Paulo****Título: Consumo de aço deve sofrer com a parada de clientes****Segundo Inda, retração da demanda será sentida pelas usinas a partir de abril**

As siderúrgicas brasileiras devem sentir o impacto econômico provocado pela pandemia do coronavírus mais adiante. Segundo o presidente executivo do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), Carlos Loureiro, nos próximos meses a demanda por aço deverá cair com a parada de produção de grandes clientes, como as montadoras de automóveis e fabricantes de linha branca.

As montadoras americanas, General Motors e Ford paralisaram as operações na América do Sul. A Mercedes-Benz e Scania, fabricantes de veículos pesados, também anunciaram férias coletivas em suas fábricas. Já a alemã Volkswagen informou que avalia a parada de produção.

“Não dá para sabermos o tamanho dessa queda, mas ela virá. A partir de abril, acontecendo a evolução esperada da pandemia, a demanda por aço vai cair, só não sabemos quanto”, disse Loureiro.

Na CSN os altos-fornos ainda estão trabalhando normalmente. A usina de Volta Redonda (RJ) continua produzindo e a siderúrgica adotou medidas de segurança para inibir a transmissão do novo coronavírus, segundo informação. Uma delas, segundo uma fonte da siderúrgica, é o escalonamento no refeitório para não haver aglomerações no local no horário de almoço. Além disso, a siderúrgica cancelou todas as viagens tanto nacionais quanto internacionais e adotou reuniões por teleconferência, mesmo dentro da usina de Volta Redonda.

A companhia criou, ainda, um comitê de crise em cada unidade para avaliar as medidas de segurança corretas a serem tomadas para manter os empregados saudáveis. A empresa, no entanto, não adotou o trabalho remoto como forma de prevenir a contaminação pelo novo coronavírus.

Já a Gerdau informou que está seguindo todas as orientações de prevenção ao coronavírus divulgadas pelos órgãos de saúde competentes nos países em que opera. Segundo comunicado da companhia, empresa adotou uma série de medidas para mitigar o risco de transmissão nos locais de trabalho, como a instalação de comitês de crise, recomendação de home office, o cancelamento de viagens nacionais e internacionais e a participação em eventos externos. “A Gerdau reforça, ainda, que a saúde e a segurança das pessoas são valores

inegociáveis para a empresa.” A produção na siderúrgica segue, ainda, em plena atividade, conforme a empresa.

Sobre reajustes de preços propostos pelas siderúrgicas para os próximos meses, Loureiro, do Inda, disse que não devem ser implementados justamente por falta de demanda, mesmo com prêmio negativo frente o importado devido ao dólar. “Além da indústria, construção civil também está sendo afetada pela crise. Alguns empreendimentos podem sofrer atrasos e isso vai chegar nas encomendas.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 20/03/2020

Seção: Política

Autor: Luiz Vassallo

Título: Aécio recebeu R\$ 65 milhões em propina de construtoras, diz PF

Deputado é investigado na Lava Jato sob suspeita de favorecer negócios da Odebrecht e da Andrade Gutierrez

Em relatório, a Polícia Federal (PF) afirmou que o deputado Aécio Neves (PSDB-MG) recebeu R\$ 65 milhões em propina das construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez, entre 2008 e 2011, “sendo parte relevante desta quantia fora do período eleitoral”. No documento, entregue ao relator da Operação Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Edson Fachin, o delegado Bernardo Guidali menciona crimes de corrupção passiva e de lavagem de dinheiro.

A partir desse documento sobre as investigações, cabe à Procuradoria-Geral da República decidir se denuncia Aécio ou se envia os autos à primeira instância, pois os fatos são anteriores ao atual mandato do deputado. Também foi atribuído crime de lavagem de dinheiro ao ex-diretor de Furnas Dimas Toledo e ao empresário Alexandre Accioly, apontados como supostos intermediários da propina.

De acordo com a PF, os pagamentos foram uma “contrapartida pela influência sobre o andamento dos negócios da área de energia desenvolvidos em parceria pelas construtoras, notadamente sobre a Cemig, companhia controlada pelo governo de Minas Gerais, e Furnas, subsidiária da Eletrobrás”. Entre esses negócios estão “os projetos do Rio Madeira, como as Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, em Rondônia”. Aécio foi governador de Minas de janeiro de 2003 a março de 2010.

Valores. A PF afirma que, da Odebrecht, Aécio recebeu R\$ 30 milhões, sendo R\$ 28,2 milhões em espécie. Outra parte teria sido paga por meio de contas de

empresas offshores no exterior. Já a Andrade Gutierrez, conforme o relatório, repassou ao tucano R\$ 35 milhões, por meio de investimentos em holding que tem Accioly como sócio-proprietário.

Defesa afirma que relatório é ‘absurdo’

- Defensor de Aécio Neves, o criminalista Alberto Zacharias Toron afirmou que as conclusões do relatório da PF são “absurdas”. Segundo ele, a obra investigada “era de responsabilidade do governo federal, ao qual o então governador fazia oposição, e foi realizada em Rondônia, sem qualquer relação com o governo de Minas”. “As fantasiosas conclusões são baseadas em delações espúrias”, disse Toron.

A defesa de Alexandre Accioly disse que “provará cabalmente ao Ministério Público e ao Poder Judiciário que Accioly nunca incorreu em qualquer prática ilícita.” A defesa de Dimas Toledo não foi localizada. Odebrecht e Andrade Gutierrez, cujos executivos fizeram delação, disseram colaborar com a investigação.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 20/03/2020

Seção: Economia

Autor: AGÊNCIAS NOVA YORK

Título: Trump compra petróleo e preço sobe

Presidente americano ainda sugeriu que pode se envolver para tentar sustentar preços ‘no momento adequado’

Os contratos futuros de petróleo fecharam com ganhos robustos ontem, mas apenas recuperando parte das elevadas perdas recentes. Um dia após terem atingido os menores níveis em cerca de duas décadas, os contratos já subiam no início do dia, mas o movimento ganhou força após os Estados Unidos anunciarem uma grande compra. O petróleo WTI para maio fechou em alta de 24,39%, em US\$ 25,91 o barril, na New York Mercantile Exchange, e o Brent para o mesmo mês subiu 14,43%, a US\$ 28,47 o barril, na Intercontinental Exchange. O Departamento de Energia (DoE, na sigla em inglês) anunciou a compra de 30 milhões de barris de petróleo americano, para ampliar as reservas estratégicas do país.

O órgão ainda disse que agia rapidamente a fim de apoiar produtores dos EUA diante das “potenciais perdas catastróficas” com os impactos do coronavírus e das “turbulências” causadas por atores externos. Em entrevista coletiva sobre o

combate ao coronavírus, o presidente americano, Donald Trump, chegou a comentar brevemente sobre o mercado de petróleo. Segundo ele, a Arábia Saudita está “numa luta pelo preço”, por isso a forte queda recente. Trump sugeriu que “no momento apropriado” pode se envolver para tentar sustentar os preços, comentando que a própria Arábia Saudita era prejudicada pela situação, bem como a Rússia.

Os sauditas decidiram elevar sua produção após a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados não chegarem a um acordo sobre mais um corte na oferta, diante da resistência de Moscou a dar esse passo. Com o choque na oferta e as divergências políticas, o Julius Baer cortou sua perspectiva para o preço da commodity, avaliando que as economias do Ocidente caminham para “uma paralisação temporária”, enquanto a China já dá sinais de recuperação. “Baseando-se na evidência de que uma recessão é inevitável, reduzimos nossas projeções para US\$ 32,50 o barril em três meses e US\$ 45 em 12 meses”, diz o banco em relatório, referindo-se ao tipo Brent. A agência Fitch também reduziu sua expectativa para o preço do petróleo. Ela projeta agora que o Brent fique em média a US\$ 41 o barril em 2020 – em dezembro previa US\$ 62,50. Para 2021, espera em média US\$ 48 para o barril do Brent, de US\$ 60 anteriormente.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 20/03/2020

Seção: Colunas

Autor: Reinaldo Azevedo

Título: Dois vírus contaminam as Forças Armadas

Jornalista, autor de "O País dos Petralhas"

Voltem aos quartéis, soldados, e deixem o governo para os civis

Coitadas das Forças Armadas do Brasil! Tomaram-se barrigas — ou fardas! — de aluguel de formulações ideológicas alucinadas que não se ensinam nas escolas militares e de uma tal “guerra cultural” cuja matriz é a extrema direita americana, com a qual se alinha o ideólogo da zorra toda: Olavo de Carvalho.

O ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, garantiu que as Forças Armadas não faltarão ao Brasil. Que bom! Convém que se certifique de que não servirão ao Bolsolavistão, o país mental que hoje tenta colonizar o Estado brasileiro. Está dando errado. Já deu errado. Mas não será sem custo.

Enganam-se os que acham que a entrevista coletiva da Igreja dos Santos Mascarados dos Últimos Dias marcou a conversão de jair Bolsonaro à democracia. Na quarta (18) mesmo, enquanto o pai fazia a coreografia do

estadista, o deputado Eduardo Bolsonaro, um dos filhos, desferia um ataque estúpido à China, maior parceira comercial do Brasil.

Na raiz do negacionismo do presidente e da burrice saliente de Eduardo está uma visão de mundo. Bolsonaro não caiu nos braços da galera por mero acidente ou rompante. O ato/oi precedido de cálculo político, de reflexão, de aconselhamento.

Um general da reserva e um almirante ainda da ativa, ambos ministros, estão contaminados. Augusto Heleno (chefe do GSI) e **Bento Albuquerque (Minas e Energia)** são boas metonímias e boas metáforas do que está em curso.

No corpo, carregam o coronavírus. Como ministros egressos das Forças Armadas, são cavalos de Troia de combatentes que desconhecem. Ou o Alto Comando das três Forças recolhe os seus, ou estaremos condenados a ser uma republiqueta de bananas — e não me refiro àquelas que dão em cachos...

General Braga Netto, ainda da ativa (a exemplo de Albuquerque), é chefe da Casa Civil e coordenador do gabinete de crise contra o coronavírus. lotado na sua pasta, na condição de assessor, está, por exemplo, um tal Felipe Cruz Pedri. É membro do “gabinete do ódio”

Na terça, o rapaz perguntou no Twitter (reproduzo como vai lá): “Vamos ter a coragem de dizer que combater a histeria do caos é mais importante que combater o vírus chinês? Ou você quer parecer bonitinho na mídia social para a amiga (o) que fez de uma gripe a sua nova bandeira política-humanitária?”

Eis a raiz do comportamento arruaceiro de Bolsonaro e do ataque irresponsável de seu filho. “Vírus chinês” é como Donald Trump se referia ao novo coronavírus. O presidente brasileiro, note-se, diz por aí, com a agudeza habitual, que essa coisa toda é uma armação chinesa para derrubar o preço do petróleo e levar à lona as ações das empresas para arrematar tudo na bacia das almas.

Braga Netto não demitiu o auxiliar. Então o rapaz voltou nesta quinta (19): “Churchill caminhava pelas ruas de Londres durante os bombardeiros da Luftwaffe. Hoje esse ato seria considerado ‘irresponsável’ pelos leites com peras brasileiros. O heroísmo e a coragem não podem sumir do mapa para dar lugar à histeria alinskyana”.

Como? “Histeria alinskyana”? Duvido que a esmagadora maioria dos oficiais-gene-rais brasileiros, que hoje dão suporte a essa loucura, saiba que ele se refere a Saul Alinsky (1909-1972), pensador da esquerda americana, demonizado pela extrema direita dos EUA, mas visto, também por esta, como um formulador competente em favor da organização da sociedade contra o Estado e o establishment.

Não sei se entenderam: o tal Pedri recorre a um nome satanizado pela extrema direita americana para defender, justificar e endossar o comportamento irresponsável do presidente brasileiro. E o faz de dentro do Palácio do Planalto, subordinado a um general da ativa, chefe da Casa Civil, que coordena o gabinete de crise contra o, como é mesmo?, “vírus chinês”

Que perigo o dito-cujo representa? Em si, nenhum. É só o sintoma de uma síndrome que ataca o Estado brasileiro. Voltem aos quartéis, soldados! E submetam as Forças Armadas a uma quarentena, com um trabalho competente de desinfecção. Enquanto é tempo. Deixem o governo para os civis. Melhoras ao general Heleno e aos outros 17 contaminados que o avião de Bolsonaro despejou no Brasil.

MME / ASCOM .